



Recebido em: 02/12/2020

Aceito em: 21/12/2020

O Problema do mal em Santo Agostinho¹

The Problem of Evil in St. Augustine

Domingos Dutra dos Santos²

UEMA

<http://lattes.cnpq.br/2352130995185216>

Guilherme Aguiar Gomes³

UFMA

<http://lattes.cnpq.br/2152553606382118>

RESUMO: O presente texto visa refletir o conceito abordado pelo filósofo Cristão Aurélio Agostinho, sobre o problema do mal nas obras *Confissões* e *O Livre-arbítrio*, cujo ponto de partida está no início da obra *O Livre-arbítrio*, “Evódio peço-te que me digas, será Deus o autor do mal?” (AGOSTINHO, 1995: 25). Agostinho reconhece Deus como criador, mas ele pensa o mal como uma privação, ou seja, o pecado. Se Deus é o autor de todas as coisas, ele não seria também o autor do mal? O objetivo desse artigo é investigar a formulação desse problema a partir do pensamento agostiniano nas obras elencadas. Para o filósofo era inconcebível que o mal fosse concebido pelo Deus bom, na tentativa de encontrar uma solução Agostinho percorreu várias correntes filosóficas. Porém, foi no neoplatonismo que ele encontrou os elementos basilares para seu conceito acerca do problema do mal. Ele considera o mal como a ausência do ser, o mal é o não ser, o homem por sua vontade se afasta de sua verdadeira essência, “Deus”, esse afastamento converte-se no mal. O problema do mal, segundo Santo Agostinho, está no homem, por sua vontade, por livre-arbítrio o homem se torna responsável por sua ação, a razão tornou-se um

¹ Artigo submetido ao dossiê Religião, Religiosidades e Filosofia na Antiguidade da Revista de História das Experiências Religiosas.

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão.

³ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Maranhão.

auxílio para o homem afastar-se ou reconciliar-se com Deus. O homem torna-se condutor de sua vida, por sua vontade ele decide voltar-se para as coisas terrenas e más, ou seguir os preceitos de Deus.

Palavra-chave: Santo Agostinho. Deus. Mal. Livre-arbítrio. Vontade.

ABSTRACT: The purpose of this text is to reflect the concept espoused by the Christian philosopher Aurelio Agostinho, on the problem of evil in Confessions and Free Will, whose starting point is at the beginning of Free Will, "Evodia, I ask you to will God be the author of evil? "(AGOSTINHO, 1995, p.25). Augustine recognizes God as creator, but he thinks of evil as a deprivation, that is, sin. If God is the author of all things, would not he also be the author of evil? The purpose of this article is to investigate the formulation of this problem from the Augustinian thought in the works listed. For the philosopher it was inconceivable that evil was conceived by the good God, in trying to find a solution Augustine went through various philosophical currents. However, it was in Neoplatonism that he found the basic elements for his concept of the problem of evil. He regards evil as the absence of being, evil is not being, man by his will if he departs from his true essence, "God", that separation becomes evil. The problem of evil, according to Saint Augustine, is in man, by his will, by free will man becomes responsible for his action, reason has become an aid for man to move away or reconcile with God. Man becomes the driver of his life, by his will he decides to turn to earthly things and bad, or to follow the precepts of God.

Keywords: Saint Augustine. God. Evil. Free will. Will.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se justifica pela relevância do tema, tanto para o cristianismo como para a filosofia, dado que o mal, assim como o bem, sempre esteve presente no mundo, segundo os relatos revelacionais judaico-cristãos o que nos leva a uma reflexão sobre o que está por trás de sua simbologia, causa e origem. O filósofo Agostinho de Hipona nos apresenta a problemática do mal indagando a respeito justamente destes marcos, sobretudo em que medida a sua origem remete a Deus ou aos homens. Assim nos conduz a uma reflexão sobre o porquê de agirmos mal e os motivos que nos levam, enquanto seres racionais, à prática do mal.

Santo Agostinho coloca que Deus, uma vez entendido como criador de todas as coisas, demanda que elas sejam em certa medida boas, já que daquilo que em princípio é bom, por contradição, não pode surgir o mal, assim, se chega ao resultado de que Deus não criou o mal. Porém, a sua criação não sendo perfeita, mas, dotada de logos, é quem foi a autora do mal, quando, por livre-arbítrio, se afastou do propósito de Deus. Assim o mal é atribuído à criatura e não ao criador.

Nossa vontade é essencialmente associada ao “livre-arbítrio”, o que nos torna inteiramente responsável por nossas ações, sejam elas boas ou más. O homem, portanto, é responsável por seu agir e possuir o livre-arbítrio lhe possibilita tanto se aproximar, quanto se afastar de Deus por sua escolha, o que acaba se convertendo no que se chama de mal moral, ou pecado, por meio do que o ser humano se afasta do criador e de sua essência por sua vontade, por sua má escolha.

O bispo de Hipona, com isso, nos mostra que a origem do mal não está em Deus criador, justo e bom, mas no homem por ter o livre-arbítrio, “logos”, que norteia suas ações. Assim, o desenvolvimento do problema do mal consiste em como podemos conciliar a bondade de um Deus “metafísico” essencialmente bom com a “maldade” do ser humano no mundo sensível, que vive em descompasso com o divino e com a razão.

Para melhor compreensão abordaremos esse tema em três tópico: O Dualismo Maniqueísta; doutrina pela qual o filósofo foi adepto por nove anos, durante sua mocidade, a qual se afastou dividi sua incoerência dualista. Agostinho e o Neoplatonismo; uma escola filosófica que tem como base o pensamento platônico, uma doutrina monoteísta, e que acredita na emanam das coisas a partir do Uno. O livre-arbítrio e o mal em Santo Agostinho, onde apresenta o que é o livre-arbítrio e o conceito do mal.

1. O DUALISMO MANIQUEISTA

O maniqueísmo foi uma religião gnóstica, que teve origem na Pérsia, no século III, pelo profeta Mani. Ele se colocava como o último dos Profetas, depois de Buda, Zoroastro e Cristo. Na pretensão de uma religião Universal. A doutrina maniqueísta

se baseia no dualismo metafísico, e sua raiz está no zoroastrismo, onde Deus é o bem e a matéria é o mal. No maniqueísmo acredita-se em dois princípios coeternos e antagônicos, um seria essencialmente bom, o reino da luz, Deus e o outro, essencialmente mau, o reino das Trevas, a matéria, o diabo. Ambas as independentes, porém, dotados da mesma força e relevância.

Acredita-se que os motivos que levaram Agostinho a se aproximar e aderir ao maniqueísmo foram a pretensão do mesmo em explicar a origem e o sentido do universo e do homem, da natureza de Deus e a busca do problema do mal que tanto lhe atormentava. Agostinho passou quase 10 anos pertencendo a essa seita e o que levou Agostinho ao maniqueísmo foi a pretensa racionalidade que ela tinha em seu esboço, porém, a descoberta de que essa seita não possuía o que afirmava ter levou o pensador de Hipona a abandoná-la. Para ele, os líderes do maniqueísmo faziam grandes discursos, mas nem eles mesmos conheciam o que estavam falando, fato que levava a contradições e posterior fácil refutação de seus ensinamentos.

Ele coloca em sua obra *Confissões*, "Logo que transpareceu com suficiente clareza a imperícia de Fausto nestas ciências em que o julgava eminente, comecei a desesperar da sua capacidade para me esclarecer e desfazer as dificuldades que embaraçavam meu espírito" (AGOSTINHO, 1990^a: 130).

O que provavelmente o decepcionou no maniqueísmo foi a metafísica maniqueísta com uma profunda incoerência: onde o bem e o mal são princípios coexistentes e conflitantes, como fica evidente em sua obra *Confissões*. "Parece-me mais justo crer que não tivésseis criado nenhum mal do que acreditar que proviesse de vós a sua natureza tal qual eu imaginava" (AGOSTINHO, 1999: 138). Pois o bem, sendo incorruptível, não pode conflitar com mal, e nem se sujeitar a ele. Não fazia sentido para Agostinho essa explicação, a qual, tirando do homem toda a responsabilidade por suas ações más, deturpava próprio caráter racional e inviabilizava qualquer possibilidade de escapar ao determinismo por parte dos seres humanos.

Contudo, Agostinho sempre se manteve reticente com essa doutrina e depois de seu encontro com o líder do maniqueísmo, Fausto, Agostinho de Hipona dela afastou-se, pois Fausto, não tendo satisfeito seus anseios e não respondendo suas indagações, deixou uma profunda lacuna seu espírito. Com tudo ele afirma nas condições:

Por isso, logo que se me ofereceu a oportunidade, comecei com meus amigos a entrevistá-lo, numa ocasião em que não nos era indecoroso discutir. Expus-lhe algumas dúvidas das que me preocupavam. Notei que das artes liberais apenas sabia a gramática, e, ainda esta, de modo nada extraordinário (AGOSTINHO, 1999: 130).

Agostinho passou algum tempo em devaneio, se entregou ao ceticismo e depois manteve contato com o neoplatonismo, absorvendo desta enorme parte da influência platônica que vemos em seus escritos.

2. AGOSTINHO E O NEOPLATONISMO

Depois que Agostinho de Hipona se decepcionou com maniqueísmo, ele vai embora de Cartago para Roma onde ele foi professor, em Roma sua estadia foi curta e de lá de encaminha logo para Milão, onde continua como mestre, agora trabalhando para o Estado. Foi lá que ele conheceu o neoplatonismo helênico e teve contato bispo Ambrósio. Agostinho teve forte influência do neoplatonismo, sobretudo, de Plotino.

O Neoplatonismo foi uma escola filosófica Grega e pagã do século II da era cristã que foi fundada por Amônio e teve como um dos filósofos mais reconhecidos o egípcio Plotino. Tinha por base uma síntese do platonismo e do aristotelismo, que serviria de sustento para as religiões monoteísta como o Cristianismo, se tornando a fonte da filosofia e da teologia medieval. O prefixo “neo” só foi colocado na posteridade para diferenciar o dualismo do monismo, pois os seguidores do que hoje chamamos de neoplatonismo se denominavam apenas por Platônicos.

Ambrósio em Milão, um homem culto e eloquente, relacionava em suas pregações a filosofia platônica e o ensinamento da Sagrada escritura, e a partir de tais lições Agostinho aprendeu uma forma adequada de lidar com a Bíblia. Junto ao neoplatonismo, também compreendeu o princípio da realidade do imaterial e a não realidade do mal, se tornando a base para sua teoria acerca do problema do mal. Já com a leitura de São Paulo, aprendeu o sentido da fé, e o sentido da graça Cristã. Tais referências foram capazes de despertar em Agostinho o interesse pelo cristianismo ao fornecerem melhores fontes para responder perguntas capciosas a respeito da natureza e da origem do mal.

De acordo com a metafísica do neoplatonismo, todos as coisas devem proceder de um único princípio ontológico, o Uno, que por necessidade é perfeito, eterno, infinito e necessário, é idêntico ao sumo bem, de onde emanam todas as coisas. Como coloca Reale e Antiseri (1990: 20)

Plotino, no entanto, concebe o “Uno” como infinito. Somente os naturalistas haviam falado de um princípio infinito, mas o concebiam numa dimensão física. Plotino descobre o infinito na dimensão do imaterial e o caracteriza como potência produtora ilimitada. E, consequentemente, como o ser, a substância e a inteligência haviam sido concebidas na filosofia clássica como finitos, Plotino coloca o seu “Uno” acima do ser e da inteligência.

Para Plotino, o Uno não é o conhecimento e nem é um ser, mas a fonte de todas as coisas e ao mesmo tempo nenhuma delas. Dele provém todas a existência, pois é de tal ordem que não podemos afirmar a seu respeito sem limitá-lo, nem a

vida, nem a existência, ele é superior a tudo, e fonte absoluta do que há. Plotino, ao defender que do Uno se originam todas as coisas e que tudo vem de um criador, vai entrar em consonância com o pensamento cristão, se tornando a base não apenas para o pensamento Agostiniano, mas, para toda a patrística, movimento que foi pioneiro no esforço de coadunar a estrutura metafísica de neoplatonismo à tradição judaico cristã.

Em busca de sua grande questão acerca do mal, Agostinho já tinha aprendido com maniqueísmo que a matéria era a representação do mal, contudo, em Plotino ele entendeu que o mal é o afastamento do Uno, assim, o mal definitivamente era um distanciamento do bem, ou por ser um princípio diverso, ou por ser ausência absoluta de existência. Apenas por meio de uma dessas vias, segundo Agostinho, o mal poderia decorrer da vontade livre do homem e não diretamente do Uno.

Assim, Agostinho de Hipona se rende ao Cristianismo, e passa a combater veementemente o maniqueísmo, resolvendo a grande inquietude que lhe atormentava desde a juventude. Daí por diante, ele passa a entender que o afastamento do bem deve ser a causa do mal, porém, tal distanciamento não pode ter implicações metafísicas (o que acarretaria reminiscências maniqueístas), com efeito, deve ser ocasionado pelo livre-arbítrio, pois, conforme foi observado por agostinho no neoplatonismo, o mal não existe ontologicamente, pois ele é um não ser, uma ausência ou uma redução do bem. De posse disso o filósofo de Hipona, passa a combater veementemente o maniqueísmo, a defender a matéria como criação de Deus, e que dela não provém o mal, pois toda e qualquer coisa somente se pode derivar de uma única fonte possível, restando como resultado que a origem do mal não pode ser nem física, nem material, restando-lhe a dimensão moral que vinculará à vontade humana a solução do seu problema de juventude.

3. O LIVRE-ARBÍTRIO E O MAL EM SANTO AGOSTINHO

Na busca pelo problema do mal, como vimos, Aureliano Agostinho percorreu várias correntes filosóficas e doutrinas religiosas, passando do dualismo maniqueísta, que apresenta dois princípios: um bom e um mau, que estão em um constante duelo, chegando ao neoplatonismo, que apresenta o não ser como ausência absoluta de essência e o Uno como única fonte para tudo o que existe e que pode ser pensado. Esta segunda foi a chave para resolver a sua inquietude acerca da origem do mal: o mal não é um ser, mas a deficiência e privação de ser, também não pode ser derivação da matéria, pois se esta foi criada a partir do Ser, do Uno, ou, de Deus, não pode ser má de maneira alguma pois isso consistiria num desrespeito ao princípio de não contradição. Tal pensamento apresenta uma explicação que se tornou referência durante séculos e até hoje é basilar no pensamento Cristão.

Em suas obras, *O Livre-arbítrio e Confissões*, Aurélio Agostinho, Santo Agostinho de Hipona, apresenta de forma filosófica que Deus não é criador do mal. Em sua concepção, havendo um Deus que criou todas as coisas de maneira que estas sejam em certa medida boas, é impossível que tenha criado o mal. Dessa forma, ele apresenta o mal com uma privação do bem, e não algo que possua existência em si mesmo. Assim como a doença é a falta de saúde, o mal seria a privação ou ausência do bem, não tendo em si alguma substância ou essência própria. O mal, a respeito do qual Agostinho nos põe a par, consiste na privação, falta de percepção, e distanciamento do homem em relação aos preceitos de Deus. Em linhas gerais, essa é a estratégia argumentativa do bispo de Hipona para tentar explicar o mal no mundo criado e governado por um Deus que é bom e onipotente.

Neste argumento, o filosofo se baseou na teoria platônica, onde a partir de uma analogia com o problema do não-ser, se diz que o mal carece de substância própria, consistindo na completa e absoluta ausência. De acordo com a teoria das formas, o ser, identificado por Agostinho a Deus, seria equivalente ao bem em si mesmo, portanto, o mais alto grau de perfeição e conhecimento a que se pode almejar. Quando não há a presença do bem, ou seja, a ausência completa de ser, a impossibilidade mesma do existir, se institui o mal. Em linguagem agostiniana, Deus é o bem Supremo, e assim, ele não pode ter criado o mal. Agostinho percebia desde a sua juventude, que o mal era uma realidade poderosa no mundo. Segundo IVAN SILVA, (2008: 31):

Quando Agostinho, em sua obra “Confissões”, discorre sobre o envolvimento com o mal em sua infância, observamos o seu interesse de, pela narrativa de fatos de sua experiência particular, apresentar a relação do homem com o mal desde a mais tenra idade. Assim, há de se verificar que em ferida obra o Pensador de Hipona se vale de seu testemunho particular para criar doutrina a respeito do relacionamento da espécie humana com o mal.

Entende-se que o mal persegue o homem desde os seus primeiros instantes de vida, uma vez que a natureza é voltada para o mal, não obstante ele ter sido criado para ser uma continuidade do bem, (2008). Segundo Agostinho o homem foi criado por Deus, que é um Bem Supremo, assim sendo, não criou nada que seja ontologicamente mal, toda sua criação é boa.

Hipones já na sua juventude procurou com afinco uma explicação para a origem do mal. Como fica claro em sua obra *O Livre-arbítrio* ao iniciar, “. Peço-te que me diga, será Deus o autor do mal?” (AGOSTINHO, 1995, p. 25). Como explicar a realidade do mal, admitido um Deus sumamente bom e onipotente que criou todas as coisas boas?

Na busca por respostas a este problema, Santo Agostinho percorre vários caminhos para encontrar uma solução acerca da origem do mal. Na doutrina

Maniqueísta se sentiu insatisfeito com o modelo de explicação dualista, segundo o qual existiriam, coeternamente, dois polos antagônicos, uma força boa e uma força má, o que colocaria Deus não apenas como autor do mal, mas como equivalente a este enquanto princípio, e tiraria do homem qualquer responsabilidade sobre sua ação julgada como má, ou, pecaminosa.

Em Plotino, Agostinho encontrou a base para resolver a questão, já que do neoplatonismo aprendeu que o mal não é um ser, mas a deficiência, uma privação do ser e ao se converter ao Cristianismo Santo Agostinho passou a declarar que o mal nem possui essência nem pode ser tão radical quanto o Deus professado pelos cristãos, hipótese que Agostinho nega, afirmando que toda natureza enquanto tal é boa e que o mal não é uma substância, mas uma privação do bem. Para AGOSTINHO, (1995, p. 191):

Toda natureza (*natura*) que pode tornar-se menos boa, todavia, é boa. De fato, ou bem a corrupção não lhe é nociva, e nesse caso ela é incorruptível; ou bem, a corrupção atinge-a e então ela é corruptível. Vem a perder a sua perfeição e torna-se menos boa. Caso a corrupção a privar totalmente de todo o bem, o que dela restará não poderá mais se corromper, não tendo mais bem algum cuja corrupção a possa atingir e, assim, prejudicá-la. Por outro lado, aquilo que a corrupção não pode prejudicar também não pode se corromper, e assim esse ser será incorruptível. Pois eis algo totalmente absurdo: uma natureza tornar-se incorruptível por sua própria corrupção.

Como tudo provém de Deus, que é o sumo Bem, a natureza criada por este deve ser boa, pois deriva do bem não sendo uma substância, mas uma privação do bem. Assim, o mal não é um ser, pois o único ser é Deus e as coisas criadas por ele são boas, Deus então é o sumo Bem. De acordo com AGOSTINHO, (1999, p. 190):

Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma perversão da vontade desviada da substância suprema --- de vós. O Deus --- e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência.

Sobretudo, fica claro que Deus não é o criador do mal, porém, mediante a presença do mal no mundo, fica evidente que deve haver um autor, que, segundo Santo Agostinho, deverá ser o homem por força do uso inapropriado do seu livre arbítrio, no qual, por sua vontade própria, se afasta de Deus, relegando a adoração e o amor que deveriam ser dirigidos unicamente a este, por sua excelência, a qualquer outra coisa na existência menos perfeita que o próprio criador. Esse afastamento se converte no mal, sendo assim, o próprio homem se torna autor do mal, não por sua corrupção física ou metafísica, mas, moral.

Colocando o homem como autor do mal, através da perversão do uso do seu livre-arbítrio, por meio do qual, por sua vontade escolhe desobedecer o preceito de Deus e desejar se associar a coisas inferiores, mundo material, ou seja se a fasta da sua natureza verdadeira e esse afastamento é o pecado, a causa de todo o sofrimento

e males que há na terra. Permanecer em Deus e viver no mundo físico uma vida boa e justa implica em furtar-se aos desejos do corpo e atender aos apelos da alma em seu desejo por realidades mais excelentes, domar a vontade afetada pela concupiscência e moldar os hábitos corrompidos por vícios, tarefas que tornam o homem digno de salvação e próximo a Deus. De acordo com Agostinho, (1999, p. 174). “Esforçava-me por entender (a questão), que ouvia declarar, acerca de o livre-arbítrio da vontade ser a causa de praticarmos o mal, e o vosso reto juízo o motivo de sofrermos. Mas era incapaz de compreender isso nitidamente”.

Entende-se que através da citação Agostinho coloca o homem como autor do mal, através do livre-arbítrio, por sua vontade, o homem escolhe se obedece ao preceito de Deus, para vislumbrar as coisas superiores, permanecer em Deus, e viver no mundo físico uma vida bom e justo, ou se ele escolhe as coisas inferiores, as coisas do mundo, ou seja se a fasta da sua natureza, e esse afastamento, é o pecado, e a causa de todo os sofrimento e males que há na terra.

Para Agostinho, Deus concedeu ao homem uma alma racional, dotada da capacidade de buscar Deus e nele permanecer, o que é concedido ao arbítrio humano, pois a presença de uma alma nos faculta conhecimento de realidades mais perfeitas na dimensão material. Seria transcendendo a esta limitação física que o homem acessaria realidades superiores e a elas vincularia a sua vontade, querendo-as e amando-as, em lugar das coisas materiais que apenas pervertem seu arbítrio e deturparam o seu querer.

Assim, o único mal que pode ser chamado propriamente de “mal”, é o praticado pelo livre-arbítrio, que ele denominou de mal moral, que consiste no desvio voluntário da liberdade humana, a qual se distânciaria da norma da razão, afastando-se, por suas más ações, da ordem de seu criador, Deus. O mal moral depende de nossa livre vontade, que representa o núcleo do agir humano, ela é um poder dado ao homem para que, seguindo com retidão a ordem da razão, possa aproximar-se mais do criador e assim, permanecer unida a ele. Com efeito, o próprio Agostinho, referindo-se à vontade, faz a seguinte afirmação: AGOSTINHO, (1995, p. 206):

Logo, é a vontade desregrada a causa de todos os males. Se essa vontade estivesse em harmonia com a natureza, certamente está a salvaguardaria e não lhe seria nociva. Por conseguinte, não seria desregrada. De onde se segue que a raiz de todos os males não está na natureza. E isso basta, por enquanto, para refutarmos todos aqueles que pretendem responsabilizar a natureza dos seres pelos pecados.

O mal moral a qual estamos analisando, é o pecado, e o pecado depende da má vontade, e para o hipótese a má vontade não tem uma causa eficiente, e sim, uma causa deficiente. A qual a fonte ele teve no neoplatonismo. A vontade por sua natureza deveria sempre dender-se para o bem supremo. Mas a vontade pode denter

para as coisas do mundo finito, dessa forma subvertendo a ordem divina, preferindo as coisas terrenas do que a Deus, preferindo os bens inferiores do que os bens superiores.

De acordo com Agostinho, o mal deriva do fato da vontade do homem volta-se, em suas escolhas para as coisas do mundo físico, dos bens inferiores e não se voltar ao bem absoluto, Deus, os bens inferiores dependem dele para existir. O mal ocorre quando a vontade se apega aos bens inferiores, passageiros e não se volta ao bem supremo que satisfaz a alma humana. O fato de termos recebido de Deus uma vontade livre é, para nós, um grande bem. O problema está no mau uso dessa vontade livre. Para tal, Santo Agostinho coloca que Deus deu ao homem uma faculdade, por meio da qual ele deve pautar suas ações, para assim evitar escolhas equivocadas por parte da vontade. A razão permite ao homem conhecer e perceber a ordem estabelecida por Deus, assim, através do livre-arbítrio da vontade, ele escolhe de maneira autônoma e consciente seguir essa ordem ou se afastar dela, consistindo esse afastamento no único mal viável para Agostinho, o moral.

O mal moral é, portanto, vinculado ao pecado e se apresenta como a deficiência da vontade que se volta de maneira equivocada para as coisas terrenas. Para o bispo de Hipona, a má vontade só está nas pessoas porque elas querem, dessa forma a vontade não se torna má apenas porque se volta para as coisas, mas sim por se voltar a elas de modo desordenado, ou seja, se volta contra a ordem da natureza, se descolando de ser supremo para os seres inferiores. O fato de ter recebido do ser supremo uma vontade livre é um grande bem. O mal é o uso indevido desse bem que é a vontade livre.

Do ponto de vista metafísico ontológico, o mal não é possível, mas do ponto de vista do pecado, o problema se torna moral, que é o único que merece esse nome de verdadeiro mal. Assim o homem é responsável pelo mal que ele causa, uma vez que ele não cumpre o estabelecido pelo seu criador, descumprindo a ordem estabelecida na natureza por Deus, que necessaria é boa.

O mal Agostiniano, sobretudo no aspecto antropológico, na relação do homem como o mal. Nesse sentido o problema do mal, é genuinamente humano, pois o mesmo só existe quanto o homem se afasta do bem, que é Deus. Como já vimos, o problema do mal na relação com o homem passa pelo problema da vontade. Assim fica constatado, que o mal ocorre quando o homem com sua vontade corrompida se afasta do bem.

Segundo Agostinho o mal não possui uma substância, ele é o não ser, mas devemos pontuar sobre a quem é dado sua origem e, como já vimos, qual é a causa do afastamento do ser humano do bem. O homem por sua vontade, por uso indevido do livre-arbítrio, se afastar do bem, logo esse afastamento se converte no mal. O que

ele coloca é que a vontade do homem é a causa suficiente das consequências advindas do que ele escolhe.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus.** (contra os pagãos), parte I. Petrópolis: Vozes, 1990a.
- _____. **A Cidade de Deus.** (contra os pagãos), parte II. Petrópolis: Vozes, 1990b.
- _____. **Confissões.** Tradução de J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pinas, S.J. São Paulo: Editora Nova Cultura LTDA, 1999.
- _____. **O livre arbítrio.** Tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.
- SILVA, Ivan de Oliveira. **Santo Agostinho: o problema do Mal.** São Paulo: Editora Pillares, 2008.
- REALE, Giovanni; ANTISERE, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média.** São Paulo: Paulus, 1990.